

**AS FASES DA VIDA DE JESUS:  
CONTRIBUIÇÕES PARA A LIDERANÇA CRISTÃ**

THE STAGES OF JESUS LIFE:  
CONTRIBUTIONS TO CHRISTIAN LEADERSHIP

Jailson Silva dos Santos\*

**RESUMO**

O Senhor Jesus é o grande segredo da mensagem cristã, cuja beleza é singular. Nenhum pensamento humano e nenhuma corrente filosófica conseguem ser mais atrativos e impressionantes do que o Evangelho de Jesus Cristo. Sem Ele a mensagem se torna vazia, o evangelho seria apenas mais um discurso religioso. Era homem de vida dura e simples, mas de um referencial inigualável. Sendo assim, o presente estudo aborda o extraordinário referencial da liderança exercida pelo Senhor Jesus. Para tanto, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, baseada em materiais científicos e nos textos bíblicos sobre o tema. Apresenta aspectos das principais fases que Cristo passou em sua trajetória aqui na terra, a começar do nascimento até sua gloriosa Ascensão. Destaca o legado de seus preciosos ensinamentos práticos, de modo que é referência para todo líder cristão. O trabalho faz referência ao distintivo ministério exercido pelo Senhor Jesus, além de elencar princípios divinos norteadores para a Liderança Cristã. Observa-se que nenhum líder que passou por esta terra exerceu um ministério com tamanha maestria, deixando um legado extremamente relevante a ser seguido.

**PALAVRAS-CHAVE**

Senhor Jesus. Liderança Cristã. Evangelho

**ABSTRACT**

The Lord Jesus is the great secret of the Christian message, whose beauty is singular. No human thought and no philosophical current can be more attractive and impressive than the Gospel of Jesus Christ. Without Him the message becomes empty, the gospel would be just another religious discourse. He was a man with an unparalleled reference. Therefore, this study addresses the extraordinary leadership exercised by the Lord Jesus. To this end, bibliographical research was used, based on scientific materials and biblical texts on the topic. It presents aspects of the main phases that Christ went through in his journey here on earth, starting from his birth until his glorious Ascension. It highlights the legacy of his precious practical teachings, so that it is a reference for every Christian leader. The work makes reference to the distinctive ministry exercised by the Lord Jesus, in addition to listing divine guiding principles for Christian Leadership. It is observed that no

---

\* Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER); Licenciado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER);. Professor de Língua Portuguesa das Redes Públicas de Ensino nos municípios de Eunápolis e Itabela/BA.  
E-mail: jailsonssplacido@gmail.com

leader who passed through this land exercised a ministry with such mastery, leaving an extremely relevant legacy to be followed.

## **KEYWORDS**

Lord Jesus. Christian Leadership. Gospel

## **INTRODUÇÃO**

Com base nas fases vividas por Cristo Jesus, é possível considerar sua trajetória vitoriosa como paradigma para todo líder cristão, considerando que seus exemplos são valiosos para uma liderança genuinamente autêntica, consistente, duradoura, cheia de frutos de justiça para a glória de Deus. Esta pesquisa não tem por objetivo trazer pormenores de todas as fases da vida e do ministério do Senhor Jesus e sim apresentar algumas lições das principais fases de sua trajetória, tendo em vista as inúmeras contribuições relevantes de seu profícuo ministério.

É importante ressaltar que há diversos homens e mulheres exemplares, no entanto são inigualáveis ao distintivo ministério de Cristo, pois Ele teve uma vida e ministério perfeitos, os quais nos motivam a trabalharmos com afinco no Reino de Deus.

O presente trabalho traz como tema as fases da vida de Jesus: contribuições para a liderança cristã. A questão norteadora é: como as fases da vida de Jesus podem contribuir para os líderes cristãos da atualidade, a partir dos relatos bíblicos e das literaturas especializadas? O presente estudo tem como objetivo geral identificar no relato bíblico, e também na literatura especializada, as contribuições para a liderança cristã, a partir da trajetória vitoriosa vivida por Jesus aqui na terra. Já os objetivos específicos são: elencar as fases vividas por Cristo e as principais lições advindas de cada uma delas; destacar o exemplo de Jesus para os líderes cristãos mediante o modelo consolidado por ele.

## **1 METODOLOGIA**

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa composta de uma abordagem bibliográfica que segundo Gil (2008) é desenvolvida a partir de materiais já elaborados, como livros, artigos de periódicos e, mais recentemente, de materiais disponíveis na internet, tendo em vista que

Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. (GIL, 2008, p. 44).

Quanto à natureza dos dados se caracteriza por ser de cunho descritivo-qualitativo, que buscou através da literatura especializada, compreender o modelo de liderança de Cristo, bem como refletir sobre as lições deixadas pelo vigoroso exemplo de seu ministério.

Desse modo, esta pesquisa se constituiu de dois pontos que se coadunam, uma parte teórica e outra analítica. Na primeira, foi feita uma abordagem teórica que auxilia no entendimento das principais fases vividas por Cristo no desenvolvimento de seu ministério aqui na terra, à luz de textos sagrados escritos na Bíblia, principalmente dos Evangelhos narrados pelos Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas

e João, que trazem uma explicação teológica para os eventos da vida do Senhor Jesus, bem como das Epístolas escritas pelo Apóstolo Paulo, que tiveram papel fundamental na organização das igrejas, principalmente em se tratando da liderança com base no modelo de Cristo.

A segunda, foi centrada na exposição de autores que narram os principais acontecimentos do santo ministério de Cristo, desde o seu nascimento até sua gloriosa Ascensão, bem como na análise prática das lições apreendidas em cada uma delas, além das contribuições pertinentes para o líder cristão.

## 2 O NASCIMENTO DO SENHOR JESUS

O nascimento do Senhor Jesus foi planejado na eternidade. Cristo é exclusivamente o personagem da história cujo nascimento é celebrado em todos os cantos da terra. Nenhum homem por maior que seja, haja vista rei, filósofo, fundador de religião, entre outros, nenhum deles tem o nascimento celebrado em todo planeta, como o é o Senhor Jesus.

Houve um conselho na eternidade, onde o Senhor Jesus voluntariamente quis vir a este mundo para resgatar a humanidade. Convém ressaltar que Ele veio não somente porque Deus o enviou. Ele veio porque quis vim, voluntariamente veio para nos resgatar. Os principais fatos que marcam esse acontecimento singular não começaram na história. Começaram antes que a história começasse, na eternidade, porque o Senhor Jesus preexiste ao tempo, à história.

Jesus teve glória com o Pai antes que houvesse mundo. Trouxe à existência coisas que não existiam, sendo Criador do universo. O Apóstolo Paulo se refere a esta revelação divina na Carta aos Colossenses, capítulo 1º, versículos 16 e 17, da seguinte maneira:

porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por Ele e para Ele. E Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por Ele (Bíblia, Colossenses, 1.16,17).

Logo, este vasto e insondável universo que Ele criou sem matéria preexistente, é Ele quem dá sustentação a todas as coisas e todas as coisas existem para glória do nome dele.

O Senhor Jesus é a maior promessa registrada nas Escrituras. O escritor aos Hebreus afirma que muitos heróis da fé morreram sem virem o cumprimento dessa promessa (Hb 11.39). Jesus foi prometido por Deus Pai no Éden, onde está escrito que da semente da mulher, nasceria um que esmagaria a cabeça da serpente (Gn 3.15). Sendo assim, Cristo é o único ser humano que nasceu neste planeta sendo semente da mulher.

Todas as outras pessoas são sementes do homem. Só Jesus é semente da mulher, porque não é resultado de um intercurso de um homem com uma mulher, mas foi obra do Espírito Santo operada no ventre de Maria. Ele é a semente da mulher que veio para esmagar a cabeça da serpente. O que na verdade ninguém imaginou que esta mulher seria uma adolescente virgem que conceberia um filho sem a ajuda de um homem, que culminou no maior disparate espiritual já imaginado, pois um ventre humano tornou-se o primeiro lar terreno do Salvador do

mundo.

Toda a história da humanidade foi literalmente uma espécie de preparação para o nascimento do nosso Senhor. Tudo apontava para Ele, os patriarcas falaram a respeito dele, os profetas o desprezaram. A história de Israel era apenas uma preparação para a chegada do Messias prometido. Os desdobramentos da história bíblica apontavam para este grande acontecimento da história.

Deus desceria à terra, o verbo se faria carne, Deus se faria homem, o Rei se faria servo, o infinito se tornaria um bebê. Dificilmente alguém poderia imaginar o Criador dos céus e da terra ter um ventre humano como o primeiro lar terreno. Ninguém poderia imaginar tamanho rebaixamento. Deere (1998) comenta que “ninguém esperaria algo assim de Deus, portanto a maioria das pessoas não podia aceitar tal coisa”. É o acontecimento mais sublime e auspicioso da história da humanidade.

Para tanto, Deus prepara o mundo para este acontecimento. Ele chama o povo judeu, uma nação pequena, aparentemente insignificante, para que o Messias nascesse judeu e para trazer ao mundo a revelação especial de Deus. Ele prepara os gregos com sua filosofia, com o pensamento filosófico e a língua universal, para quando o Messias chegasse, esta mensagem pudesse ter celeridade, pois era a única língua oficial no mundo inteiro da época. Deus prepara o povo romano, uma lei romana, debaixo de uma práxis romana, estradas sendo rasgadas por todos os rincões do Império, para que onde chegasse a mensagem de Cristo, tivesse rapidez a todas as províncias daquela época.

Na plenitude dos tempos tudo estava pronto. As profecias se cumprindo de forma rigorosa e literal. Nascido de mulher, sob a lei, para que fosse o nosso redentor. “E o verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1. 14). O maior mistério do cristianismo, na verdade, a mente mais aguda, a personalidade mais inebriada pelo conhecimento, jamais poderia entender esse mistério. Fillion (2019) destaca esse mistério da seguinte forma:

Uma virgem conceberia e daria à luz o Cristo. Desta forma, o Cabeça da nova humanidade estaria realmente unido pela carne e pelo sangue com os que ele veio regenerar e, ao mesmo tempo, conservaria sobre eles a superioridade imensa, graças a um privilégio único na história. (Fillion, 2019, vol. 1, p. 133).

O verbo que é Deus, transcendente, Deus Eterno, esvazia-se a si mesmo e toma a forma humana e entra no ventre de uma virgem e nasce, enfaixado em panos em uma manjedoura, veio habitar entre nós. Sendo Cristo outrora, glorificado por querubins e serafins, veio estar entre nós, pisando nosso chão, chorando nossa lágrima, sentindo nossa dor, carregando no seu corpo no madeiro nossos pecados. Veio para mostrar Deus cheio de graça, de verdade, revelar para nós quem é o Pai, pois a glória do Pai pode ser vista nele.

### **3 DESERTO: ESCOLA DE DEUS**

Enquanto os homens costumam formar seus líderes nas mais conceituadas universidades do planeta, haja vista Harvard, Oxford, Cambridge, Stanford, entre outras. Deus é especialista em treinar os seus no deserto. É a sua escola predileta, totalmente na contramão da lógica humana. Do ponto de vista divino, o deserto não

é um acidente na vida, não é obra do acaso, é agenda dos céus, é a escola onde Deus treinou seu Filho amado, treinou e treina as pessoas mais importantes da história, principalmente em tempos de crise agônica, aguda, endêmica, sistêmica e sem precedentes nas áreas moral, econômica, política e espiritual.

Para cada época e situação Deus levanta seus líderes e a forma de treiná-los não é no conforto de uma “sala climatizada”. Grandes homens e mulheres só conseguiram ser o que são após passarem na escola do deserto. Às vezes pensamos que quando Deus nos leva para enfrentarmos dificuldades é para nos diminuir e nos enfraquecer, no entanto, nos lugares mais improváveis ele nos faz prosperar. Logo, nas situações mais adversas pode haver crescimento e fortalecimento, quer na vida cotidiana, quer no ministério dado por Deus.

O verdadeiro líder passa por um aprendizado no deserto para conhecer mais sobre Jesus, reavaliar-se diante de Deus, mediante suas crenças e convicções, além de poder refletir sobre a simplicidade, uma vez que esta contribui para dominar as paixões instintivas e, por meio da solidão, aprender a depender de Deus. Desse modo, o deserto proporciona uma preparação austera, silenciosa, de comunhão com Deus e de reflexão. Há uma grande diferença entre ser preparado como os homens querem e a forma que Deus quer. No deserto, Deus ensina o homem ser conforme ele deseja que seja, além de ensinar na experiência do silêncio e da solidão, que as coisas dele são do modo como ele quer e não como nós queremos.

Em meio a tantas perspectivas sombrias, devemos saber o momento de sair de cena. O deserto é lugar que possibilita estarmos fora dos holofotes, e é nesse lugar escondido que estaremos a sós com Deus, que costuma tirar do palácio e do palco e encaminhar para o deserto. Moisés vivenciou mais de Deus no deserto do que nunca teria visto no palácio de Faraó. Muitas vezes Deus está falando e temos dificuldade em ouvi-lo. Deus não costuma tocar sirene em nossos ouvidos, portanto precisamos estar atentos ao sussurrar de sua voz, que por muitas vezes por estarmos atentos ao barulho da multidão, não compreendemos a voz divina e deduzimos que Deus não quer falar conosco.

Não gostamos do deserto, pois aparentemente não nos promove, os holofotes desaparecem, é um lugar que ninguém quer ir, porque não gostamos de sair da zona de conforto. As pessoas gostam de ser ovacionadas, receber tapinhas nas costas, reconhecimento humano, etc. O deserto nos humilha, nos põe em nosso devido lugar, porque é a escola de Deus, é a universidade do Espírito Santo, onde treina os seus mais importantes líderes. É a escola que existe para desnudar-nos das glórias do mundo, onde nos depura, queima as escórias e transforma-nos em uma pessoa mais útil, forte e bem preparada para as grandes obras de Deus em nossa vida e através da nossa vida, pois no deserto Deus trabalha em nós para depois através de nós. Segundo Jonh Wesley “antes de Deus fazer uma grande obra através de nós, Ele fará uma grande obra em nós”! Isso significa que vida precede ministério e Deus está mais interessado em quem somos do que no que fazemos.

É no deserto que aprendemos a depender do Provedor mais do que a provisão, é o momento de entender que Deus é a fonte de nossa vida, nosso sustento, até porque ou ele nos sustenta ou perecemos. Mesmo sendo de difícil entendimento, deserto não é acidente, é agenda de Deus, onde podemos experimentar uma crise existencial, angústia, alma encurralada, coração entrincheirado e chegamos até pensar que Deus nos esqueceu e nos abandonou.

### 3.1 A tentação de Jesus no deserto

Os Evangelistas Mateus, Marcos e Lucas inserem em seus relatos a tentação de Jesus no deserto da Judéia, com a finalidade de mostrar de que maneira o Filho de Deus foi preparado para o santo ministério que ele veio realizar neste mundo, enviado pelo Pai como cumprimento das promessas Antigo Testamentárias. Veio como um de nós para a nobre missão de morrer na cruz do Calvário pelos nossos pecados, ressuscitar ao terceiro dia e se tornar o Senhor dos vivos e dos mortos. Só que ao assumir a natureza humana, se tornou como um de nós. Dessa forma, se fazia necessário ser testado, provado, preparado, para desenvolver o ministério que lhe foi designado.

Os Evangelistas nos informam o local da tentação. O Evangelista Marcos narrou que assim que Cristo foi batizado, “logo o Espírito o impeliu para o deserto” (Mc 1.12). Deserto aqui é a região mais inóspita do próprio deserto, ou seja, o interior do deserto da Judéia, porque no deserto ele já estava. A bíblia diz que João estava batizando no deserto, onde passava o rio Jordão. Sendo assim, deserto aqui é o deserto mais profundo. Alguns estudiosos acreditam que era próximo do monte Sinai, inclusive existem atualmente várias capelas e igrejas construídas no que alguns estudiosos entendem ser o local da tentação. Fillion traz a seguinte informação:

Desde as margens do Jordão, Jesus, conduzido pelo Espírito Santo, atravessou o espaço de 38 Km que separa o rio da cidade de Jericó. Em seguida, encaminhando-se para o oeste, deteve-se, conforme Mateus indica com muita precisão, na região mais elevada do deserto. De acordo com uma tradição que remonta à época das Cruzadas, provavelmente foi no lugar que hoje tem o nome de *monte da Quaresma* ou *Quarentena*, em memória aos quarenta dias que o Salvador passou no deserto. (Fillion, 2019, vol. 1, p. 58)

Antes de Jesus ser impelido pelo Espírito ao deserto, a bíblia registra que ele foi batizado por João no rio Jordão. Neste evento veio sobre ele o Espírito Santo, em forma de pomba e em seguida ouve a declaração do Pai: “Tu és o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mc 1.11). Logo após ser batizado e cheio do Espírito Santo, o Evangelista Marcos diz que Cristo foi impelido para o deserto. Impelir é um verbo mais forte que conduzir, o que sugere que o Espírito Santo o empurrou para o deserto. Não que Ele foi contra sua vontade, mas indica que a tentação que se seguiria era algo inevitável, necessário. Isto indica que o Espírito agiu no coração de Jesus, O persuadiu com uma compulsão irresistível, de sorte que os seus pés foram virados para as regiões do deserto da Judéia para ser tentado pelo diabo.

## 4 GETSÊMANI – LUGAR DA AGONIA

No Getsêmani, Cristo enfrenta o Calvário por antecipação. Foi ali que ele vivenciou uma profunda tristeza. Ele admite essa tristeza e não esconde. Seu semblante demonstra isso, todo o seu ser é tomado por esta angústia, por esta tristeza de morte. Foi no Getsêmani que Cristo, com uma expressão terrivelmente trágica afirmou:” a minha alma está cheia de tristeza até à morte” (Mt 26.38).

Segundo Fillion (2019), “um homem comum teria sucumbido sob carga tão pesada. Mas o Pai sustentava seu Filho, a quem reservava ainda outros terríveis

sofrimentos”. Numa atitude de desolação, adoração e submissão, ele rogou ao Pai que, se possível afastasse dele àquela hora terrível. O Pai poderia ter afastado dos lábios de seu Filho amado aquele amargo cálice, mas, assim como Jesus, Ele sabia que segundo os decretos eternos, a redenção do mundo deveria ser conquistada com os sofrimentos e morte do Messias.

Diz Tomás de Aquino que “se Cristo foi tão afligido, não foi somente porque ia perder a vida: foi também por causa dos pecados de todos os homens”. É bem verdade que na cruz está o sacrifício, mas é no Getsêmani que se evidencia a obediência à vontade do Pai, pois de nada valeria o sacrifício na cruz, se não houvesse obediência no Getsêmani. A esse respeito Fillion diz o seguinte:

O drama do Salvador começou com uma dolorosa agonia, porque somente a agonia da cruz pode ser comparada à do Getsêmani. Depois de sua admirável oração, Jesus prosseguiu o seu caminho e não demorou a descer ao vale de Cedrom, muito estrito naquela parte entre os muros de Jerusalém e o sopé do monte das Oliveiras. (Fillion, 2019, vol. 4, p. 227).

Getsêmani é o nome dado a um jardim ao leste de Jerusalém, além do vale Cedrom, ao sopé do Monte das Oliveiras. Era um horto em que se extraía o azeite a partir do fruto das oliveiras abundantes na área, que ficava defronte do monte Sião e defronte do templo. Getsêmani, cujo nome significa “lugar da prensa de azeite”, é muito sugestivo, porque é exatamente no local onde as azeitonas eram prensadas, esmagadas, o que representa bem o doloroso sofrimento de Cristo. Isso indica que para se ter unção, a prensa se faz necessária, é preciso ser esmagado para obter o mais puro azeite.

Foi justamente ali que Jesus foi prensado, esmagado, o seu suor “tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão” (Lc 22. 44). O jardim do Getsêmani era o local escolhido pelo Senhor Jesus para meditação e oração. Provavelmente era de propriedade de um dos discípulos ou de um amigo. Somente os discípulos sabiam que aquele lugar era um refúgio de Cristo.

No Getsêmani, o Senhor Jesus Cristo foi esmagado, ferido, traspassado pelos nossos pecados, porque foi exatamente ali que ele trava a maior luta, a maior batalha. Percebe-se que quando o Senhor Jesus Cristo vai para a cruz, ele vai resoluto, vai decidido, absolutamente convicto. Foi ali que Ele travou a luta de sangrento suor. Foi ali que a batalha foi decidida. Exatamente ali que Cristo confirma a decisão de assumir nosso lugar, de assumir nossa culpa, de morrer em nosso favor. E quando se levanta da oração, ele se levanta resoluto, decidido a caminhar para a cruz triunfantemente.

## **5 A CRUCIFICAÇÃO DE CRISTO**

Segundo McDowell e McDowell (2012) “A crucificação era um método comum de execução durante os tempos do Senhor Jesus. A crucificação já era praticada em Atenas cerca de 700 anos antes de Cristo, segundo apontam evidências arqueológicas”. Era a mais brutal forma de castigo. As vítimas eram torturadas de maneira tão horrenda que às vezes os próprios romanos se apiedavam delas, de sorte que normalmente os cidadãos romanos eram excluídos dessa rigorosa punição. Fillion (2019) traz a seguinte informação:

Entre os povos antigos, particularmente entre os romanos e os judeus, havia apenas um pequeno intervalo de tempo entre a sentença judicial e a sua execução. Assim, quando foi pronunciada a sentença do Salvador, Pilatos logo mandou que a cruz fosse preparada – se é que já não estava preparada de antemão. (Fillion, 2019, vol. 4, p. 255).

Sete dias antes da sua paixão, o Senhor Jesus está junto de peregrinos da Galileia, que estavam indo participar da festa da Páscoa, uma das três principais festas judaicas. Ao atravessar Jericó, ele cura dois cegos e chega a Betânia, próxima de Jerusalém, onde era uma das suas principais bases, porque ali estava seus amigos, os quais amava, a saber: Lázaro, Maria e Marta.

Quando ia a Jerusalém, Cristo costumava passar em Betânia, porque ficava perto. É a primeira visita depois dele ter ressuscitado Lázaro. Maria unge seus pés com unguento. Aquela cena incomoda alguém. Quem mais se indigna é Judas, pois era ladrão. O valor do unguento era equivalente ao salário de um ano inteiro de um trabalhador. Aquela unção já era uma preparação para a sua morte.

Julgado diante do Sinédrio, que era a maior autoridade dos judeus, o Concílio. O Senhor Jesus foi julgado e condenado pelo crime de blasfêmia, por dizer que era Filho de Deus. É nessa ocasião que é negado por Pedro. Quando o dia amanhece naquela sexta feira é levado ao Pretório romano para ser julgado por Pôncio Pilatos, acusado pelos judeus sob crime de sedição e revolução política, de sorte que Pilatos não encontrou nele crime algum. Por conveniência política o condena à morte e morte de cruz.

## 5.1 Por que a Cruz?

Alguém já disse que antes de Deus dizer “haja luz”, ele disse “haja cruz”. A cruz de Cristo é pré-histórica. Ela estava encrustada no coração de Deus mesmo antes dele criar os céus e a terra, conforme está escrito na Primeira Epístola Universal do Apóstolo Pedro, capítulo 1º, versículos 18 – 20. Assim está escrito:

Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que, por tradição, recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado, o qual, na verdade, em outro tempo, foi conhecido ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado, nestes últimos tempos, por amor de vós. (Bíblia, 1 Pedro, 1. 18 – 20).

Sendo assim, a cruz e o sangue do Cordeiro foram conhecidos antes da fundação do mundo. Já estava no plano e decreto de Deus antes de criar o universo. Todavia, com a queda do primeiro homem, Deus não foi pego de surpresa, considerando que o “Cordeiro foi morto desde a fundação do mundo” (Ap13.8). Historicamente, Jesus morreu em Jerusalém há quase dois mil anos. No decreto de Deus já havia sido consumado antes da fundação do mundo. O que aconteceu no Calvário foi a consumação desse plano eterno já estabelecido por Deus (At 2.23).

O Calvário não foi um acidente. Foi uma agenda divina, um apontamento, um decreto divino, um plano eterno. Jesus veio para morrer na cruz. A morte dele não foi uma tragédia, nem a sua ressurreição foi uma surpresa. Aliás, o próprio Jesus profetizou reiteradamente, dizendo claramente para os seus discípulos que seria crucificado, morto e ressuscitaria.

O Senhor Jesus não foi para a cruz como um mártir ou porque fracassou diante do poder de Roma, nem porque foi traído por Judas e entregue pelo Sinédrio, nem porque Pilatos o sentenciou à morte e os soldados o cravaram naquele madeiro. Óbvio que nada disso. Ele foi para a cruz porque o plano do Pai era este. Deus entregou seu filho por amor e ele voluntariamente foi para a cruz.

É importante entender que o Calvário de fato é o maior drama da história. Na cruz, grandes verdades apareceram. Foi o palco da justiça de Deus. Nela, Deus puniu totalmente nossos pecados. Não em nós, mas no seu Filho. A Bíblia diz que Deus agradou em moê-lo. Assim, Deus lançou no seu filho as nossas iniquidades e pecados. Deus exerce a sua justiça, “porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 6.23). Pela lei merecíamos a morte. Deus então manda o seu filho como substituto e aplica nele o golpe que deveria aplicar em nós, satisfazendo plenamente a sua justiça.

Mas a cruz é palco não só da justiça de Deus, também é o palco mais eloquente do amor de Deus. O Evangelista Billy Graham afirmou: “Deus provou o seu amor na cruz. Quando Cristo pendurado, ali sangrou, ali morreu, foi Deus dizendo ao mundo: Eu te amo”. Deus não poupou o seu próprio Filho, antes o deu em resgate para todos nós. Qual a motivação de Deus? “Por que Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito” (Jo 3. 16). O amor por nós foi a principal motivação de Deus.

## 5.2 A mensagem da cruz

A cruz de Cristo não pode ser ignorada em nossas mensagens, haja vista os versos encorajadores do poeta: “Sim eu amo a mensagem da cruz / Té morrer eu a vou proclamar”. O Cristo Crucificado era o Salvador prometido nas profecias dos antigos profetas de Israel. O poder não está na cruz em si. A cruz era meramente um objeto de execução para os romanos. Para os judeus era símbolo de maldição (Gl 3.13). A mensagem da cruz é poder de Deus. Essa distinção precisa ser feita.

Qual o poder da mensagem da cruz? Ela nos leva a conhecer a verdade (Jo 8.32 ; Rm 10.13). O poder não está na cruz em si, mas no poder da obra efetuada nela, tendo em vista que foi o meio pelo qual Jesus realizou a nossa salvação quando derramou o seu sangue e morreu por nós.

Paulo dizia que o tema da mensagem dele é Jesus, e este crucificado. (1Co 1.18,19). Segundo Zibordi (2006), “Se vivesse em nosso tempo, Paulo pregaria um evangelho de poder baseado na viva e eficaz Palavra de Deus”. Tudo parte da obra realizada na cruz. O foco todo está naquilo que Cristo veio realizar na cruz do Calvário. A obra da cruz precisa ser entendida como um ato de substituição. Na cruz, Cristo foi julgado em nosso lugar. No livro do Profeta Isaías, capítulo 53, versículos 4 a 7 é uma profecia completamente relacionada a Cristo, que diz:

Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e, pelas suas pisaduras, fomos sarados. Todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. Ele foi oprimido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro, foi levado ao matadouro e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca. (Bíblia, Isaías

53. 4-7).

Havia uma dívida de pecado, a começar por Adão. Quando Adão pecou, por meio do pecado entrou a morte e a morte passou a todos os homens. Todos nós fomos afetados na essência, pois havia uma dívida requerida. Deus fez cair sobre Jesus a iniquidade de nós todos.

A essência da obra da cruz é a substituição. Cristo sofre aquilo que merecíamos. A cruz não foi produzida pela traição de Judas ou pela atuação dos opositores romanos ou mesmo judeus. Parte de um plano eterno, em que Jesus é o “Cordeiro que foi morto antes da fundação do mundo” (Ap 13.8).

## **6 A RESSURREIÇÃO DE CRISTO**

As melhores notícias anunciadas ao mundo vieram do túmulo vazio de Jesus Cristo. A história da Páscoa não termina no funeral e sim numa festa. Cristo entrou na morte para matá-la e arrancar-lhe o agulhão e ser a ressurreição e a vida.

Não haveria qualquer perspectiva de redenção, de salvação, de perdão dos pecados, se Jesus não tivesse ressuscitado dentre os mortos. O Apóstolo Paulo escreveu no capítulo 1º, capítulo 15, versículos 20, 21 e 23 da Primeira Carta aos Coríntios da seguinte maneira:

Mas, agora, Cristo ressuscitou dos mortos e foi feito as primícias dos que dormem. Porque, assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo. (Bíblia, 1 Coríntios 15, 20- 23).

Se Cristo não tivesse ressuscitado, o Calvário não teria gerado efeito prático e efetivo em nossa vida. Não haveria perdão de pecados, não teríamos esperança da glória e da ressurreição dos justos.

A morte de Cristo não teria importância, caso Deus não o tivesse ressuscitado. Sem a ressurreição, a cruz não teria sentido. Em vão seria a nossa pregação sobre a morte de Jesus Cristo (1 Co 15.14). O apóstolo mostra, com abundantes provas, ter sido a ressurreição do Senhor um fato histórico e não uma mitologia dos discípulos.

A ressurreição de Jesus Cristo é o maior milagre da história. Se Cristo não tivesse sido ressuscitado dentre os mortos, não poderia ser nosso Salvador. A cruz jamais seria símbolo do Cristianismo. É um fato histórico irrefutável. Para o apóstolo Paulo, os coríntios haviam sido salvos pelo evangelho (1 Co 15.2). Isto porque Cristo venceu, triunfou sobre a morte. O Senhor Jesus recebeu do Pai todo poder nos céus e na terra (Mt 28.18) e em suas mãos estão as chaves da morte e do inferno (Ap 1.18).

Um Cristo morto jamais poderia ser redentor da humanidade. Ele ressuscitou para cumprir as Escrituras. Foi sepultado porque a morte dele não foi uma imaginação, nem um acidente ou surpresa. Tanto a morte quanto a ressurreição já estavam profetizados no Antigo Testamento. Com a ressurreição de Cristo, a igreja permanece de pé, pois sem ela a igreja não subsistiria. O Cristianismo não poderia subsistir sem a verdade do evangelho. A ressurreição de Cristo é doutrina fundamental do Evangelho.

O Apóstolo Paulo tratando desta matéria diz que Jesus ressuscitou, logo

nossos pecados foram perdoados. Nessa perspectiva, nossa fé está baseada num sólido fundamento. Nossa pregação é poderosa, frutífera e eficaz. O nosso testemunho acerca desse fato é verdadeiro. Os que dormirem em Cristo ressuscitarão em glória. Isso garante para nós verdadeira e plena alegria nesta vida e na vindoura. O nosso trabalho não é vão. Esta é a verdade que a Bíblia apresenta.

Filho (2011), afirmou que “Hoje, depois de mais de dois mil anos, esta notícia de que ele vive está mais forte do que nunca, arraigada na mente e na experiência de milhões de pessoas”. Sendo assim, a ressurreição não é um engodo e a morte não prevalece. O túmulo vazio é o berço da igreja.

O nosso último endereço não é a sepultura, pois a morte não tem a última palavra. Os mártires não morreram em vão. Os missionários não atravessaram fronteiras em vão. Temos uma verdade sólida debaixo de nossos pés, pois temos uma viva esperança em nosso coração. Não adoramos a Cristo preso no túmulo e sim Cristo vivo. A ressurreição e a vida está no trono e governa céus e terra. Voltará gloriosamente para buscar sua igreja.

A ressurreição é da mais alta importância para nossa vida. Estamos fundamentados numa esperança viva. O Cristianismo se distingue não apenas porque é uma religião. Nosso Senhor não apenas fundou o Cristianismo, mas veio prover tão grande salvação. Morreu por nós. Diz a Escritura: “Ele não está aqui, ressuscitou” (Lc 24.6). McDowell e McDowell fazem o seguinte comentário:

Para corroborar ainda mais o seu testemunho, os apóstolos se recusavam a renunciar à sua crença a respeito do Cristo ressuscitado, ainda que tivessem que enfrentar cruel perseguição e martírio por essa fé. Os discípulos foram para os seus sepulcros com a convicção de que viram o Jesus ressuscitado. É mais do que justo concluir que podemos confiar em seu testemunho. (McDowell e McDowell, 2012, p. 105-106).

A ressurreição de Cristo é um fato incontroverso porque houve várias aparições. Ele apareceu a Maria Madalena e as demais mulheres. Apareceu a Pedro, aos dois discípulos no caminho de Emaús, aos apóstolos na ausência de Tomé, novamente aos apóstolos com a presença de Tomé, aos sete apóstolos no mar da Galiléia. Apareceu a mais de 500 irmãos de uma vez só, a Tiago, seu irmão, a Paulo, a Estêvão, a João, na ilha de Patmos. São muitas as suas aparições. A esse respeito Fillion (2019) afirma:

Se a ressurreição de Jesus não fosse um fato histórico, se ele não tivesse saído vivo da sepultura que pertencia a José de Arimatéia, aquele sepulcro seria tão-somente mais uma tumba, semelhante às sepulturas onde jazem tantos outros líderes religiosos de nossa história. (Fillion, 2019, vol. 4, p. 274).

No dia de Pentecostes, onde o Espírito santo foi derramado, diz a bíblia que as multidões se ajuntaram, Pedro se levantou para pregar e a mensagem foi: “Aquele que vocês crucificaram, Deus o ressuscitou e o fez Senhor e Cristo”(At 2.36).

Se Cristo não tivesse ressuscitado, bastaria as autoridades romanas irem ao túmulo dele, pegar o seu corpo, fazer uma passeata e o Cristianismo estaria terminado no seu berço, coberto de ridículo. Por que não fizeram? Por que não trouxeram o corpo dele para desacreditar a pregação de Pedro? Uma coisa óbvia, é que Cristo havia ressuscitado, quebrado a espinha dorsal da morte, vencido a morte com a sua morte ao ressuscitar dentre os mortos. Desse modo, a ressurreição de Cristo é um fato incontroverso.

A quantidade e a variedade de pessoas que contemplaram Jesus Cristo de Nazaré, em circunstâncias distintas, de sua ressurreição até a sua ascensão, oferecem uma prova incontestável de que ressuscitou e continua vivo. Aleluia!

## 7 A ASCENSÃO DE CRISTO

Jesus Cristo ressurreto apresentou-se aos discípulos, por um período de quarenta dias, falando das coisas referentes ao Reino de Deus (At 1.8). Em seguida, é assunto aos céus numa nuvem. Ele voltou aos céus sob os olhares de seus seguidores para assentar-se em um alto e sublime trono à destra de Deus. Sua subida foi física, com o corpo ressurreto e glorioso, após haver cumprido seu extraordinário ministério terreno. Quando do arrebatamento, teremos um corpo revestido de glória semelhante ao de Cristo. Na Primeira Epístola do Apóstolo Paulo aos Coríntios, capítulo 15, versículos 51 a 58 está descrita esta promessa da seguinte maneira:

Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade. E quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então, cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória? Ora o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Mas graças a Deus, que nos dá vitória por nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor. ( Bíblia, 1 Coríntios, 15. 51 – 58).

Esta é uma promessa feita a todos os seus discípulos que creem piamente em sua vinda gloriosa. Antes de ascender aos céus, prometeu aos discípulos, ainda preocupados com a restauração do Reino de Israel, que receberiam poder do alto e seriam revestidos do Espírito Santo (At 1.8).

A ascensão de Cristo é um evento na história da redenção. O Senhor Jesus depois de ter ressuscitado dos mortos, apareceu aos apóstolos, durante quarenta dias comeu com eles, ensinou sobre o reino, prometeu o Espírito Santo, explicou sobre o fim dos tempos. Fizeram a pergunta: “Quando o Senhor vai restaurar a nação de Israel?” (At 1.6). Jesus disse para eles não se preocuparem com isso, pois o mais importante era receberem o Espírito Santo para lhes serem testemunhas (At 1.8).

Depois de quarenta dias de comunhão com os discípulos, Cristo falou das coisas concernentes ao Reino de Deus. Ele dá essas palavras finais e estabeleceu a grande comissão para realizarem o ide por todo o mundo. Enquanto está falando aos discípulos, é elevado aos céus na presença deles, onde aparece duas testemunhas de branco ao seu lado. Quando Cristo sobe, os anjos dizem aos discípulos: “o que vocês estão olhando”? É como se dissesse “vocês não sabem que Ele veio do céu e para o céu voltaria? Será que vocês não sabem que Ele será exaltado à direita do Pai? Esse Jesus que foi assunto aos céus, Ele voltará assim como vocês o viram subir” (At 1. 11). A esse respeito Fillion comenta o seguinte:

Os apóstolos regressaram, pois, a Jerusalém com um grande vazio no coração, pois sabiam que já não gozariam a carinhosa presença física de seu amado Mestre. Porém, também estavam cheios de alegria e

esperança, porque o Salvador não havia ficado no túmulo, mas ressuscitara e voltara cheio de glória para o seio do Pai, para que sua natureza humana e santa recebesse um lugar honroso, que tanto fizera por merecer. (Fillion, 2019, vol. 4, p. 285).

Sendo assim, a vida terrena do maior líder da história culminou em um momento digno de muita glória, de sorte que seus ensinamentos e vida são modelos permanentes para líderes cristão da atualidade e demais gerações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Senhor Jesus era uma pessoa extremamente obediente. Ele começa a sofrer desde sua encarnação, pois deixou sua glória e veio passar por circunstâncias adversas nesta terra pecaminosa. Durante seu ministério terreno suportou a contradição dos pecadores, a oposição dos líderes judaicos, as calúnias advindas de autoridades políticas e religiosas.

Ao longo do seu ministério, os fariseus, os escribas, saduceus e herodianos, maquinaram contra ele. Foi rejeitado pelos líderes de seu povo, povo que ele amou. Veio para o povo da aliança, a descendência de Abraão e foi plenamente rejeitado por ela. Não obstante, realizou tantos prodígios e milagres, manifestando aos homens a glória e a bondade de Deus. Atraiu sobre si a mais severa oposição, a mais dura perseguição, a mais terrível manifestação de ira e rancor.

O Sinédrio judaico tomou a decisão de prender e matar Jesus. Judas Iscariotes, um dos apóstolos, o trai, contudo o Senhor Jesus Cristo nunca ficou desprovido do entendimento de que viera exatamente para morrer pelos pecadores. Ele sabia exatamente do Seu propósito e estava disposto a cumpri-lo integralmente.

Deus não poupou seu próprio Filho. Há um propósito soberano de Deus em dá-lo em resgate de seu povo. Enquanto esteve com seus discípulos, o Senhor Jesus ensinou verdades eternas, princípios basilares da vida cristã, fez-lhes promessas, revela claramente seu propósito de ter vindo ao mundo, para dar a sua vida. Ele morreria, ressuscitaria ao terceiro dia, voltaria aos céus, derramaria o Espírito Santo e sentaria à direita de Deus. Passou-lhes detalhadamente os propósitos dos céus.

Vários dos mais importantes acontecimentos da vida de Jesus, haja vista a tentação, o batismo, a agonia do Getsêmani, aconteceram em lugares mais ou menos solitários, porém nunca hesitou, caminhou sempre na verdade. Aliás, a verdade é ele mesmo. Grande vencedor.

O Senhor Jesus venceu a morte e a sepultura. Em sua morte na cruz, a impressão era de que tudo havia perdido e que ele havia fracassado. Do ponto de vista humano, a morte tinha vencido. Os discípulos recusaram a crer pelo ouvir, até que o viram e o tocaram. Na oportunidade, Jesus aproveitou o ensejo e prometeu-lhes um corpo semelhante ao dele: incorruptível, sem envelhecimento, sem dor e com vida eterna na presença do grande Deus, fiel e verdadeiro.

Sem sombra de dúvidas, Cristo foi o maior líder da história da humanidade e deixou o relevante exemplo de liderança, tendo em vista que em sua gloriosa trajetória, foi afrontado, julgado e condenado, porém nunca titubeou, seguiu firmemente, venceu todas as intempéries e está pronto a nos ajudar sermos bons líderes, sendo referencial inestimável de liderança cristã.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- BÍBLIA. **A Bíblia do Obreiro Aprovado**. Versão Almeida Revista e Corrigida. Rio de Janeiro. CPAD, 2009.
- DEERE, Jack. **Surpreendido com a voz de Deus**. São Paulo. Vida, 1996.
- FILHO, Isaltino Gomes Coelho. **O drama do Calvário**. 1ª ed. São Paulo. Abba, 2011.
- FILLION, Louis-Claude. **Enciclopédia da vida de Jesus**. 3ª ed. vol. 1, Rio de Janeiro, Central Gospel, 2019.
- FILLION, Louis-Claude. **Enciclopédia da vida de Jesus**. 3ª ed. vol. 4, Rio de Janeiro, Central Gospel, 2019.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2008.
- MCDOWELL, Josh; MCDOWELL, Sean. **Jesus: morto ou vivo?** 1ª ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2012.
- MCDOWELL, Josh; MCDOWELL, Sean. **Evidências da Ressurreição**. 2ª ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2012.
- ZIBORDI, Ciro Sanches. **Evangelhos que Paulo jamais pregaria**. 2ª ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2006.